A MISSÃO DE ENSINAR NO ENSINO SUPERIOR

MARIVILMA S. L. CAVALHEIRO

RESUMO: Este artigo vai falar um pouco sobre as dificuldades de se trabalhar com o Ensino Superior, visto que muitos alunos chegam a essa fase despreparados e ainda em dúvida de qual carreira seguir. Muitos fizeram o ensino à distância ou eliminação de matérias para completar o Ensino Médio e com isso há muitas lacunas a serem preenchidas. E, quando chegam à Universidade, o curso noturno é a opção que têm, pois precisam trabalhar o dia todo e não sobra muito tempo para se dedicarem aos estudos. Então as dificuldades continuam e muitos acabam se perdendo pelo caminho e abandonando a Universidade. Precisamos que as Universidades tenham um Projeto Pedagógico que ajude na formação de profissionais que sejam capazes de transmitir o conhecimento com qualidade a seus alunos. Para isso estudamos autores como: MERCADO (1999); SAMPAIO (2008); SANCHES (2005); TEIXEIRA (2014) entre outros.

PALAVRAS-CHAVE: Escola; Ensino Superior; Alunos; Professores.

1 INTRODUÇÃO

Cada dia mais os alunos chegam ao Ensino Superior sem saber operações básicas de raciocínio e interpretação de textos, e esse fato dificulta o ensino superior, pois o professor, nessa etapa, não pode parar seu conteúdo para ensinar o básico que o aluno deveria ter aprendido até o ensino médio.

Formar profissionais nas mais diversas áreas é um grande desafio para as instituições de ensino superior, porém elas estão desenvolvendo Projetos Pedagógicos que mostram o perfil de cada profissão, com didáticas específicas de cada disciplina que o discente precisa conhecer seja qual for o seu curso.

Para o curso de Pedagogia, o pedagogo precisa ser capaz de observar, analisar, executar e avaliar o ato docente e as repercussões com a aprendizagem nos contextos escolares.

O docente deve ter uma ampla visão da instituição de ensino na qual leciona, sabendo quais são os problemas enfrentados por ela, no entanto a grande maioria não entende esse fato, temos professores hoje em dia que se formaram em “direito”, por exemplo, e depois fizeram uma complementação e estão lecionando “português”, mas muitos não dominam a gramática ou a literatura, muito menos veem a escola como uma instituição de ensino séria, pois estão alí com a intenção apenas de complementar o salário que recebem.

No entanto, nem todos são assim, temos profissionais muito competentes que fazem a diferença dentro da escola, pois ensinam com amor e carinho e quando têm dúvidas vão em busca de novos conhecimentos.

Estar incluído nesse contexto, seja pela prática ou pela pesquisa, deveria ser uma condição para se exercer a docência no ensino superior e uma especialidade, pois o processo de aprendizagem é o objetivo principal de qualquer instituição de ensino.

Para Freire (1996, p. 22-23):

Não há docência sem discência, as duas se explicam e seus sujeitos apesar de diferenças que os conotam, não se reduzem à condição de objeto um do outro. Quem ensina aprende ao ensinar e quem aprende ensina ao aprender.

Assim, definimos a docência como uma ação educativa que se constitui no processo de ensino e aprendizagem, na pesquisa e na gestão de contextos educativos, pois o docente é um sujeito em ação e interação com o outro que produz saberes científicos.

2. FAZENDO USO DA TECNOLOGIA

Segundo a Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional – LDBN nº 9.394 de 1996, em seu artigo 43 diz que a finalidade da educação superior é estimular, formar, incentivar, promover e suscitar o conhecimento nos alunos, para que eles sejam capazes de realizar pesquisas científicas, atuarem com qualidade em qualquer profissão que escolherem participar ativamente em nossa sociedade entre outras coisas.

O professor precisa ser um profissional que saiba atuar estrategicamente, atualizando-se sempre que necessário para informar seus alunos.

Conforme Mercado (1999, p. 30):

O papel da educação não se sustenta apenas na instrução que o professor passa para o aluno, mas na construção do conhecimento pelo aluno e no desenvolvimento de novas competências como: capacidade de inovar, criar o a partir do desconhecido,

adaptabilidade ao novo, criatividade, autonomia e comunicação.

As novas tecnologias facilitam o processo de ensino e aprendizagem, pois os faz mais acessíveis e com isso o professor tem mais possibilidades de ação, evoluindo estratégica e didaticamente.

Essas tecnologias devem estar inseridas na escola e os docentes precisam ser capacitados a utilizá-las, visto que os alunos têm acesso a elas e aprendem seu uso com muita facilidade.

De acordo com a LDBN nº 9.394/96, no artigo 44 diz que haverá cursos e programas:

[...] cursos sequenciais por campo de saber, de diferentes níveis de abrangência, abertos a candidatos que atendam aos requisitos estabelecidos pelas instituições de ensino [...]; [...] de graduação, abertos a candidatos que tenham concluído o ensino médio ou equivalente e tenham sido classificados em processo seletivo [...]; [...] de pós-graduação, compreendendo programas de mestrado e doutorado, cursos de especialização, aperfeiçoamento e outros, abertos a candidatos diplomados em cursos de graduação e que atendam as exigências das instituições de ensino [...]; [...] de extensão, abertos a candidatos que atendam aos requisitos estabelecidos em cada caso pelas instituições de ensino [...].

Sabemos que o educador é o profissional que irá facilitar o processo de ensino e aprendizagem para os alunos e temos que estar cada dia mais atualizados e explorando as ferramentas que a tecnologia nos oferece.

2.1 PLANEJAR É PRECISO

Com o planejamento sabemos aonde queremos chegar, o que devemos fazer, quando e como, por isso ele é tão importante. E, para que a aprendizagem aconteça temos que escolher uma metodologia adequada à realidade dos nossos alunos, traçando conteúdos e objetivos.

O planejamento auxilia o professor a definir os objetivos que vão atender aos reais interesses dos alunos, possibilitando que ele selecione conteúdos mais significativos, facilitando a organização dos conteúdos de forma lógica, e, com isso, o professor consegue agir com maior segurança na sala de aula.

Para Sampaio e Leite (2008, p. 28), o professor representa:

[...] um papel fundamental ao desenvolvimento da autonomia do discente, através do trabalho do docente de qualidade, o aluno poderá ampliar a busca por informações, de maneira que possa utilizar todos os recursos disponíveis a favor da construção do conhecimento, sendo estes recursos diversos, e devem ser planejados considerando as necessidades de cada objetivo previamente proposto [...].

Na visão de Piaget (1998), a docência precisa ser pensada com reflexões profundas, pois é um processo complexo que nos faz compreender a realidade da sociedade e da aprendizagem, fazendo-nos repensar e recriar o fazer educação.

No artigo 3º da LDBN nº 9.394/96 há alguns princípios que devem ser seguidos, são eles: I- igualdade de condições para o acesso e permanência na escola; II- liberdade de aprender, ensinar, pesquisar e divulgar a cultura, o pensamento, a arte e o saber; III- pluralismo de ideias e de concepções pedagógicas; entre outros que buscam melhorar a qualidade do ensino.

Essa busca pela qualidade do ensino precisa ser prioridade para os educadores, pois temos um novo desafio a cada dia, e, ele precisa estimular, orientar e redirecionar seus alunos, tornando-os cidadãos críticos e conscientes de seus direitos e deveres.

Para Freire (1997, p. 10):

[...] a conscientização ultrapassa a esfera espontânea da apreensão da realidade, para que se chegue a uma esfera crítica na qual a realidade se dá como objeto cognoscível e na qual o homem assume uma posição epistemológica.

E para Sanchez (2005, p. 10):

Para concretizar os desafios e objetivos da rede educacional, devese direcionar e centrar-se nos quatro pilares básicos da educação aprender a conhecer, aprender a fazer, aprender a viver juntos e aprender a ser.

2.2 AS DIFICULDADES DO DOCENTE QUE INICIA NO ENSINO SUPERIOR

O início da docência no Ensino Superior é difícil para qualquer um, pois é um desafio lidar com pessoas que têm conhecimentos e ideias diversas, e a expectativa por esse momento gera insegurança.

Na visão de Papi e Martins (2010, p. 05):

Os professores iniciantes podem encontrar durante seu primeiro ano de serviço dificuldades específicas como principiantes em um entorno laboral relativamente desconhecido. Apesar de ter entrado em contato direto com a profissão através de práticas em centros escolares, será a primeira vez que enfrentam a realidade diária de uma atividade laboral na qualidade de professores plenamente qualificados.

Esses profissionais sabem que o ofício de professor é de real importância para seus alunos e para seu próprio crescimento profissional, pois a aprendizagem com a experiência docente o fará evoluir, refletindo sobre os resultados que conseguiu ou esperava conseguir.

Para Gaeta e Masetto (2013, p. 12):

[...] o estudante que deixa de ser aluno para iniciar-se na profissão docente universitário deve assumir um novo papel que comporta uma mudança de percepção da figura do professor. De um papel cômodo e anônimo de estudante protegido pelo grupo de classe, assume uma posição ativa frente a um grupo de alunos com idades próximas a sua cujas aprendizagens dependem em parte de sua aptidão profissional.

Sabe-se que formar bons profissionais para a docência do Ensino Superior tem relação com a formação dessas pessoas, suas experiências profissionais e pessoais, e seus desejos sobre o resultado que querem alcançar.

A relação do professor com o saber é diferente da relação com o mesmo saber quando em condição de docente, pois o docente é responsável pela transmissão do conhecimento de forma clara e coerente.

Gaeta e Masetto (2013, p. 22), destacam que:

Frequentemente ouvimos depoimentos de professor sobre seus alunos, alegando falta de compromisso e motivação, desinteresse pela própria aprendizagem, passividade, individualismo, falta de criticidade e de questionamentos, interesse pela nota e pela obtenção de diploma, imaturidade e dificuldade em interpretação e redação de textos. É preciso reconhecer que não é fácil lidar com a diversidade [...].

A Instituição de Ensino Superior busca inovar e conhecer a prática de cada profissão que irá formar para que cada vez mais possa formar profissionais qualificados e que procuram soluções para os problemas enfrentados no dia a dia.

2.3 COMO AS MULHERES SÃO VISTAS NO ENSINO SUPERIOR

Ainda vivemos em uma sociedade racista e preconceituosa, na qual se o homem e a mulher tiverem a mesma formação, dependendo da empresa, no mesmo cargo, a mulher ainda vai ter um salário inferior que o do homem, além do que muitos homens não aceitam serem chefiados por mulheres, tornando-se agressivos com elas.

O lado bom é que essa situação tem se modificado com o passar do tempo e a mulher tem ganhado mais espaço e valorização.

Bruschini (2007, p. 539), diz que:

Nas últimas décadas do século XX, o país passou por importantes transformações demográficas, culturais e sociais que tiveram grande impacto sobre o aumento do trabalho feminino [...] podem ser citados a redução no tamanho das famílias [...]; o envelhecimento da população com maior expectativa de vida ao nascer para as mulheres (75,5 anos) em relação aos homens (67,9 anos) [...] e finalmente a tendência demográfica mais significativa, que tem ocorrido desde 1980, que é o crescimento acentuado de arranjos familiares chefiados por mulheres as quais em 2005, chegam a 30, 6 % do total das famílias brasileiras residentes em domicílios particulares [...].

Dessa forma, os horizontes femininos foram se expandindo e as mulheres passaram a ter novas oportunidades. Sabemos ainda que na educação, a mulher tem uma participação muito acentuada, principalmente no ensino fundamental, porque o magistério é um universo mais feminino, pois a mulher se apropriou desse espaço, cuidando das crianças com amor e carinho.

Para Cramer, Neto & Silva (2002, p. 26):

Na educação, a participação da mulher é muito acentuada no ensino fundamental, no qual ocorre uma identificação com o processo de aprendizagem e o afeto, ou seja, há uma correlação entre o ensinar e o ofício de ser mãe.

Para Teixeira e Freitas (2014, p. 338):

[...] apesar de no Brasil, os homens serem maioria numérica e de poder nas instituições de ensino superior, tanto pública quanto privada, é notório um processo de feminilização de postos de trabalho no ensino superior atrelado a perda de status e de poder aquisitivo, apresentando processo de proletarização da docência nesse nível.

Essa situação aconteceu em 1968, devido às mudanças na Política Educacional do Ensino Superior, a qual alterou a forma de contratação de professores, desprestigiando a profissão docente.

Porém, as mulheres marcaram o período de 1991 até 2004, pois o ensino universitário pode contar com mais profissionais femininas que masculinos, e, assim continuamos até os dias atuais formando mais mulheres que homens, mas esse fato não garante as mesmas condições de trabalho para elas, porque ainda há discriminação. Dessa forma, sabemos que as conquistas das mulheres têm sido muito boas, mas ainda vivemos em uma sociedade patriarcal. E, na visão de Furlin (2009), isso é devido aos homens e mulheres ainda não estarem preparados o suficiente para lidarem com essa nova organização.

Para Melo, Lastres & Marques (2004, p. 19):

[...] estão nas ciências humanas, da saúde e biológicas [...] a distribuição dos pesquisadores no interior de cada uma das áreas e revela a enorme masculinização das engenharias, onde quase 80% dos seus pesquisadores são homens.

No entanto, as mulheres são a maioria nos cursos de graduação e pós-graduação, inclusive sendo a maioria nas bolsas de iniciação científica, o que as levará a serem doutoras no futuro.

3. CONSIDERAÇÕES FINAIS

O professor é um profissional de suma importância em qualquer nível de ensino, ele deve buscar sempre enriquecer suas aulas, para isso precisa estar em constante atualização e busca de novos conhecimentos.

Ele precisa também organizar o conteúdo que vai trabalhar, ter uma boa didática e ser reflexivo, buscando novas formas de ensinar, inclusive fazendo uso das novas ferramentas de tecnologia.

Ser um educador requer conseguir ter sua própria identidade ao transmitir conhecimentos, pois um educador precisa estudar muito, aprimorar seus conhecimentos sempre e aplicá-los para transformar as pessoas em pessoas reflexivas e críticas que podem mudar a nossa sociedade.

Com esse artigo foi possível observar o quanto a classe de professores é discriminada e não é valorizada como merece, mas não podemos fazer disso uma desculpa para não realizarmos um bom trabalho, ao contrário temos que cada vez mais passarmos nossos conhecimentos de forma crítica e reflexiva, pois dessa forma iremos conscientizar nossos alunos, independente do nível escolar, que quando uma sociedade tem conhecimento, tem uma arma importantíssima em suas mãos e é capaz de fazer transformações que ficarão escritas na história.

REFERÊNCIAS

BRASIL. Ministério da Educação. Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional (LDBN), nº 9.394 de 1996. Ensino Universitário. Brasília: MEC/SEF, 1996, artigos 3º, 43º e 44º. Disponível em <http//:www.portaleducacao.com.br. Acesso em 06 de abril de 2023.

BRUSCHINI, A.C.M. Trabalho e gênero no Brasil nos últimos dez anos. Caderno de Pesquisa, v.37, n. 132, São Paulo, 2007, p. 539. Disponível em: <http://scielo.com.br. Acesso em 06 de abril de 2023.

CRAMER, L.; NETO, de P. A; SILVA, SILVA, L. A. A inserção do feminino no universo masculino: representações da educação superior. Organ. Soc. Vol. 9. N. 24 Salvador Mai/Agos. 2002, p. 26.

FREIRE, P. Pedagogia da Autonomia: saberes necessários à prática educativa. São Paulo: Paz e Terra,1996, p. 22 e 23.

FREIRE, P. Pedagogia da autonomia: saberes necessários à prática educativa. São Paulo: Paz e Terra, 1997, p. 10.

GAETA, Cecília; MASETTO, M. T. O Professor iniciante no Ensino Superior: Aprender, Atuar e Inovar. Editora Senac. São Paulo, 2013, p. 12 e 22.

MELO, P.H; LASTRES, M.M.H; MARQUES, de N.C.T. Gênero o sistema de ciência, tecnologia e inovação no Brasil. Revista de Gênero vol. 1/2014, p.19. Consulta online em 06 de abril de 2023.

MERCADO, L.P.L. Formação continuada de professores e novas tecnologias. Maceió: EDUFAL, 1999, p. 30.

PAPI, Silmara de Oliveira Gomes; MARTINS, Pura Lúcia Oliver. As Pesquisas sobre Professores Iniciantes: Algumas Aproximações. Educação em Revista; volume 26; número 03; Belo Horizonte, 2010, p. 05.

PIAGET, J. Psicologia e Pedagogia. Rio de Janeiro: Forense Universitário, 1998.

SAMPAIO, M. N.; LEITE, L.S. Alfabetização tecnológica do professor. 6ª ed. Petrópolis, RJ: VOZES, 2008, p. 28.

SANCHES, P. A. A Educação Inclusiva: um meio para construir escolas para todos no século XXI. In: Revista de Educação Especial, out, 2005, p. 10.

TEIXEIRA, B. M. A.; FREITAS, A. M. Mulheres na docência do ensino superior em cursos de física. 2014, p. 338. Consulta online em 06 de abril de 2023.